

# Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Quem avisa amigo é

O presidente do PSD, Gilberto Kassab, já avisou ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que as portas estão abertas para que Eduardo Leite ingresse na legenda. Assim, Pacheco fica menos pressionado a dizer sim à candidatura presidencial, caso suas reflexões indiquem que será melhor recuar algumas casas nesse projeto nacional. Porém Kassab repetiu a Pacheco: “Você só não será candidato se não quiser”

## Não se afobe, não...

As federações partidárias são o único ponto a ser decidido ainda este mês, uma vez que o Tribunal Superior Eleitoral tende a não ampliar o prazo de 2 de março. As candidaturas presidenciais, porém, só terão o martelo batido depois de encerrada a janela para troca de partido, no final de março. Até lá, os ensaios e especulações vão correr soltos.

## ... que nada é para já

Com o tiroteio entre Lula, Bolsonaro e Sérgio Moro, os demais postulantes vão testar as suas chances, mas sem definições até abril. Até lá, vai prevalecer a montagem das nominatas e dos acordos estaduais. Afinal, se a polarização for mantida, os partidos terão que dominar o Parlamento, para ter alguma influência no futuro, seja quem for o presidente eleito em outubro.

## Primeiros acordos

A tentativa do PT e dos bolsonaristas de arranhar a imagem e o discurso anticorrupção de Sérgio Moro indica que o ex-juiz é o adversário mais temido por Bolsonaro e Lula nesta fase da corrida eleitoral. O tiroteio nesse triângulo vai longe.

# Fim do recreio

O descumprimento de acordos orçamentários promete atrapalhar os planos do governo de colocar em votação pautas de costumes e outros projetos que possam representar vitória do bolsonarismo ou sacrifícios ao contribuinte. A avaliação geral é a de que não dá para atender os desejos do governo, num cenário de ano eleitoral, sem validar o combinado nas negociações. A ideia é mandar um recado ao Poder Executivo logo nas primeiras votações.

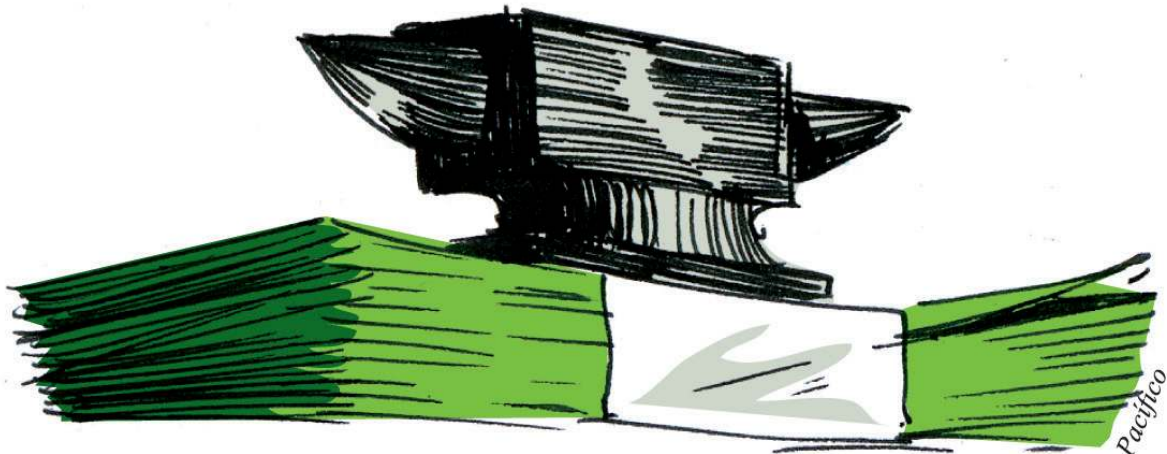
» » »

Quem mais reclamou na semana passada foram os integrantes da Comissão Mista de Orçamento. Eles formam um seletor grupo, sempre agraciado com

emendas extras nos recursos de RP2, ou seja, emendas de comissão e de bancadas estaduais. As RP2 atendiam essa turma muito antes das tais RP9, as emendas de relator. No ano passado, essas liberações não foram cumpridas, pela primeira vez em muitos anos. Somam algo em torno de R\$ 150 milhões, pulverizados nas bases eleitorais da turma da CMO. A insatisfação é geral.

» » »

Em tempo: ali, reza a tradição, quem não é atendido se afasta do governo federal. Já tem muita gente aliada a Lula vislumbrando, nessa insatisfação, uma brecha para que o ex-presidente atraia pelo menos uma parte do Centrão que está com Bolsonaro.



## Ainda tem flecha

A guerra está apenas começando. Da parte dos petistas, o arsenal anti-Bolsonaro está centrado na economia e no material das “rachadinhas”. Da parte dos bolsonaristas, voltarão à baila as delações, em especial, a ação do Instituto Lula, que está suspensa. Lá atrás, as apurações indicaram que o terreno do instituto havia sido comprado por uma empresa, a pedido da Odebrecht.

## Na vantagem

Contra Moro, a ideia é manter viva, durante todo o processo eleitoral, a investigação sobre os contratos do ministro da Alvarez & Marshall. Da parte de Moro, porém, o discurso será mantido: trabalhar e receber por isso não é crime. Receber vantagens indevidas de empresas e funcionários, é.

## CURTIDAS

Edu Andrade/Ascom/ME



**O teste de Guedes/** Ao dizer que é preciso diálogo para se chegar a um consenso sobre a forma de se baixar os preços dos combustíveis, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, jogou a boia para o ministro da Economia, Paulo Guedes (foto). Esta semana será crucial para ver se a equipe econômica ainda consegue ter voz para chamar a política à razão.

**Sonho & realidade I/** Os planos do presidente Jair Bolsonaro de dominar o Supremo Tribunal Federal não são diferentes daqueles sonhos do PT, em seus 14 anos de governo. Deu ruim.

**Sonho & realidade II/** No governo Dilma, dizia-se, inclusive, que Luiz Fux teria se reunido com José Dirceu e dito, ao ser indicado, que “mataria no peito” qualquer processo relacionado ao mensalão. O julgamento veio, e Fux votou pela condenação de vários réus, inclusive Dirceu.

## DISPUTA NAS URNAS

# Uma peneira de oito meses

Candidatos que pretendem romper a polarização Lula-Bolsonaro enfrentam uma corrida de obstáculos para tornar viável o projeto nas urnas. Nessa conta, pesam fatores como índice de rejeição, fundo eleitoral e formação de palanques regionais

» RAPHAEL FELICE

A oito meses das eleições, os candidatos que buscam um lugar entre a polarização Lula-Bolsonaro se empenham em superar a peneira eleitoral. Nesse momento, o desempenho nas pesquisas de intenção de voto é o termômetro mais utilizado nas conversas para definir candidaturas, bem como a formação de coligações e federações. “As pesquisas eleitorais com taxas de intenção de voto e principalmente os índices de rejeição de possíveis candidatos são o que conta. A partir desses números, os partidos começam a avaliar quais pré-candidatos são considerados viáveis politicamente, ou então aqueles que poderiam servir como até mesmo moeda de troca por apoios e substituições eleitorais”, explica o professor de ciência política Valdir Pucci.

Mas há outros fatores a serem considerados. O fundo eleitoral e o tempo de propaganda na televisão e no rádio, definidos a partir da bancada de cada partido no Congresso, também pesam nas negociações eleitorais. Completa o filtro de candidaturas, ainda, o acesso a palanques regionais, definido pela quantidade de governadores e prefeitos eleitos por cada partido, bem como alianças pactuadas por esses políticos. No cálculo das urnas, o cientista político André Rosa observa que a disputa presidencial puxa votos para os candidatos das legendas ao Congresso Nacional. “Em 2018, o Ciro teria possibilidade de vencer Bolsonaro no segundo turno, mas o PT não abriu mão de sua candidatura porque precisava aumentar o número de congressistas do partido. Então, muitas vezes, uma candidatura à presidência visa também captar votos para o Congresso

Nacional”, avalia.

O especialista lembra que, apesar do antipetismo e da derrota na disputa ao Planalto, o PT elegeu em 2018 a maior bancada da Câmara, com 54 deputados federais. Em segundo, ficou justamente o PSL, antigo partido do eleito Bolsonaro, com 52 membros.

Apesar de as pesquisas indicarem a vantagem de Lula e Bolsonaro, ainda é cedo para cravar um segundo turno entre os dois. O cientista político e diretor da Dominium Consultoria, Leandro Gabiati, avalia que cerca de um terço do eleitorado ainda não decidiu em quem votar. “Uma parte importante do eleitorado brasileiro ainda não está atenta para a eleição. Ainda não fez sua escolha definitiva. É tentador cravar um cenário entre Lula versus Bolsonaro, mas há muita coisa para acontecer até as convenções”.

É com essa expectativa que muitos candidatos da terceira via tentam justificar a viabilidade de suas candidaturas para conquistar alianças e até mesmo apoio dentro do próprio partido. O governador João Dória (PSDB-SP) e a senadora Simone Tebet (MDB-MS) vivem situações semelhantes, em PSDB e MDB, respectivamente. A vitória do governador de São Paulo nas prévias tucanas não apaziguou os ânimos, a ponto de Leite já ser cogitado para concorrer pelo PSD ao Planalto. Já a emedebista sofre com a pulverização política dentro de seu partido, que lançou apenas duas candidaturas à presidência desde a Constituição de 1988. A última delas, foi Henrique Meirelles, em 2018, que ficou isolado por falta de apoio da própria legenda. Recentemente, um dos caciques do MDB, Renan Calheiros, encontrou-se com o ex-presidente

Ricardo Stuckert/Instituto Lula e Clauber Cleber Caetano/PR



Pré-candidatos ao Planalto apostam na rejeição a Lula e Bolsonaro para evitar polarização

Lula, em uma demonstração de que o partido não está coeso em relação à candidatura de Tebet. Nesse contexto, a formação de uma dupla Dória-Tebet para o Planalto tem sido uma possibilidade cada vez mais considerada.

## Palanque estaduais

Com o melhor desempenho nas pesquisas entre os candidatos da terceira via, Sérgio Moro e Ciro Gomes devem levar a candidatura até o final, mas enfrentam problemas semelhantes para conseguir acesso a palanques estaduais. Com as demais siglas de esquerda se organizando para formar uma federação entre PT, PSB, Cidadania, Rede, PCdoB, PV e Psol em favor da candidatura de Lula, Ciro e o PDT ficaram isolados. As buscas por federação com a Rede, PSB e Cidadania são pouco

promissoras. O partido também tem o Avante como opção.

Em entrevista ao **Correio**, o presidente do Psol, Juliano Medeiros, elogiou o pedetista, mas afirmou que Lula tem maior poder agregador e mais chances de derrotar Bolsonaro. “Não há debate no Psol para um possível apoio ao Ciro, mas acho que ele é um homem de ideias que tem um projeto para enfrentar a crise do país. Acho que em um projeto das esquerdas, caso o Lula não fosse candidato, o Ciro Gomes poderia unir as esquerdas”, frisou.

A possibilidade de trocar o Podemos pelo União Brasil (UB) era vista como uma solução para os problemas de Moro com os palanques eleitorais. O novo superpartido terá receita bilionária do fundo eleitoral e um dos maiores tempos de televisão e rádio. No entanto, a fusão entre PSL e DEM vem se aproximando do MDB, o

que resultaria numa chapa entre Simone Tebet para presidente e Luciano Bivar, que comandará o UB. Além de isolar Moro, a solução afastaria a senadora de João Dória. Caso o movimento ocorra, o xadrez político pode aproximar Dória e Moro, chapa que chegou a ser especulada no ano passado.

Popular nas redes sociais, o deputado federal André Janones (Avante-MG) surpreendeu ao aparecer à frente de Dória e Tebet em algumas pesquisas. Em entrevista ao Estado de Minas, o deputado federal garantiu que pretende levar sua candidatura até o final. “O eleitor do [Antônio] Anastasia (hoje ministro do TCU) não queria votar nele, mas não podia deixar o [Fernando] Pimentel (PT). O eleitor do Pimentel sabia do desastre que era a administração dele, mas não podia deixar o PSDB voltar. Na reta final, descobriu-se uma terceira opção”, comparou.

## Dilma nega isolamento

A ex-presidente Dilma Rousseff (PT) afirmou ontem que não disputará nenhum cargo eletivo nas eleições de outubro. Por meio das redes sociais, ela negou a existência de um possível desgaste com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e avaliou sua relação com o ex-presidente como “inabalável”.

A petista também rebateu os rumores de um distanciamento da cúpula da legenda. “Não me sinto isolada pelo Partido dos Trabalhadores. Não adianta quererem fazer intriga entre mim e o presidente Lula. Nossa relação de confiança já foi testada inúmeras vezes e é inabalável”, publicou Dilma.

Apesar das declarações, a ex-chefe do Executivo tem sido alvo de críticas por parte do correligionário e pré-candidato à presidência, que em entrevistas recentes afirmou que Rousseff peca por não possuir “jogo de cintura”. No dia 26 de janeiro, Lula deixou subentendido que Dilma não deverá fazer parte de sua equipe, caso seja reeleito.

“Na minha opinião, a companheira Dilma erra na política. Ela não tem a paciência que a política exige que a gente tenha para conversar e atender as pessoas mesmo quando você não gosta que a pessoa está falando”, disse o ex-presidente à CBN.

A situação agravou-se no mês de dezembro de 2021, com a ausência de Dilma no jantar que reuniu Lula e Geraldo Alckimin, onde foi tratada uma possível aliança com vistas ao Palácio do Planalto.